

Editorial

A SEGUNDA REVOLUÇÃO

Há uma semana que parte da população iraniana, sobretudo da capital, Teerã, manifesta-se nas ruas contra os resultados da eleição que mantém no poder o atual presidente, Mahmoud Ahmadinejad, representante do estamento militar. A oposição reclama novas eleições, alegando que houve fraude.

O Irã não é mais aquele do xá. Desde a Revolução Islâmica de 1979, quando se estabeleceu um Estado teocrático no lugar da aristocracia, que uma luta se instalou entre as elites do país. Essa disputa se dá na via eleitoral, como nos países democráticos, mas o processo está sujeito a manipulações.

A democracia é um vírus que depois de contaminar corações e mentes é difícil de ser extraído. O Irã vive esse dilema. O país se desenvolveu e modernizou e hoje amplas camadas da população anseiam por participação política. A autoridade máxima do país, do aiatolá Ali Khamenei, está sendo questionada.

Como autoridade religiosa, Khamenei estaria acima das questões humanas. Cometeu, no entanto, o erro de proclamar a lisura das últimas eleições, colocando-se ao lado do atual presidente. As manifestações de rua vêm desafiando seu alinhamento, fazendo-o usar a violência para contê-las.

A repressão já provocou a morte de pelo menos 17 pessoas. O país vive um transe, com os cidadãos, inclusive os funcionários do Estado, sendo instados a tomar uma posição. Desde 1979 que a população não se manifestava com tanto ardor. Pode ser que as massas se acalmem, mas é difícil que se deem por vencidas.

Depois de censurar a imprensa externa e a Internet, o governo agora acusa os governos estrangeiros de apoiarem a revolta. A condenação internacional é objetivo de qualquer insurreição promovida pela oposição em país submetido à violência e à censura do regime.

Não há meio termo: eleições, sejam onde forem, precisam ser limpas para que seus resultados possam ser respeitados. O Irã está aprendendo.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Medioli
PRESIDENTE	Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORA GERAL
Rodrigo Simões	Lúcia Castro
GERENTE DE MERCADO LEITOR	SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO
Ricardo Botelho	Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL	Regiane Marques Sampaio
Guilherme Reis	ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	Aline Reskalla
Walmir Prado	EDITORES
GERENTE DE MARKETING	Primeira Página: Denner Taylor
Alessandra Soares	Opinião: Victor de Almeida
CONSULTOR DE TECNOLOGIA	Economia: Karlon Aredes
Marco Guinter	Política: Carla Kreefft
	Magazine: Silvana Mascagna
	Fotografia: Leonardo Lara
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Rogério Tadeu
	Cidades: Robert Wagner

O.PINIÃO

Duke



Duke
www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Diamantina é Diamantina: joia rara, única e singular

Arquitetura colonial – uma beleza regada a sangue escravo

Corre o mundo a esplendorosa beleza e musicalidade de Diamantina. Dizem que em toda família diamantinense que se preze há um seresteiro. O fervor seresteiro originou a vespérata – a primeira foi em 1997 –, um concerto em que, ao contrário da serenata, os músicos ficam nas sacadas dos sobrados e o público na rua. É pura magia!

A vespérata é uma releitura das tardes vesperais diamantinenses do século XIX, mas pode ser também uma herança de Chica da Silva, que possuía uma orquestra particular e um teatro na chácara de Palha, onde foram encenadas as peças mais afamadas da época e as festas eram abertas ao entardecer com passeio de barco no lago sob acordes de orquestra!

Tocada pela mosca azul das vespératas, conheci Diamantina no último fim de semana, passeio inesquecível, com agradáveis pessoas amantes da música. A aura que emana de uma vespérata é indescritível. Não há palavras que a traduzam! O sarau do coral Arte Miúda, na manhã de domingo, foi apoteótico. Ademais, Diamantina é uma obra de arte tão imponente e bela que dói. Talvez diante dela o poeta maranhense Bandeira Tribuzi diria que, como São Luís, ela evoca martírios, lágrimas e açoites. O resto é detalhe.

Tenho sensações estranhas diante da arquitetura colonial brasileira – uma beleza regada a sangue escravo. Detesto fazendas coloniais. Lembram-me a senzala e o estupro colonial! Quando dizem que não sou negra, mas morena de belos dentes, se há memória de vidas passadas, ela se apodera de mim: a sensação é que estou num mercado de

escravos com um comprador de escravos examinando meus dentes, como era de praxe...

Talvez eu não tenha ido antes a Diamantina porque não tenho assim um amor pelas suas duas personalidades históricas mais expressivas, o presidente Juscelino Kubitschek e Chica da Silva. Não arder de amores por ambos não é o mesmo que não reconhecer o estatuto de personagens da história que possuem e em nada aumenta ou diminui suas bondades e ruindades. Vivi em Imperatriz, um produto exemplar do so-

Talvez diante dela o poeta maranhense Bandeira Tribuzi diria que, como São Luís, ela evoca martírios, lágrimas e açoites. O resto é detalhe

nho desenvolvimentista de JK, onde ele é tido como mais que um pai, por causa da construção da Belém-Brasília.

Foi ali no estreito do Maranhão que o caipira maranhense Caetano Costa – ainda hoje vivo em Porto Franco – entrou para o folclore nacional quando furo a segurança de JK, abraçou o presidente e lhe disse em altos brados: “Moreno, neste pedaço de chão onde o único esturro que a gente ouvia era o da onça, eu nunca pensei ouvir um dia o ronco de um avião. Foi preciso você resolver fazer essa estrada e essa ponte para que a gente visse aqui um avião e um caminhão. Você é um presidente ju-

mento, seu Juscelino (...)” Para Caetano Costa, presidente jumento era o mesmo que presidente trabalhador” (“Presidente Jumento”, Jurivê de Macedo).

JK, dotado de estilo mulherengo-sedutor, pautou sua vida (o pessoal é político!) pela dupla moral sexual. Chica da Silva, de ex-escrava, virou senhora de escravos. Há verdades, lacunas e mentiras homéricas sobre ela, mas é inegável que foi senhora de escravos! Figura mitológica, mereceu versos de Cecília Meireles – “Romance XIV ou da Chica da Silva” – : “... Vestida de tisso,/ de raso e de Holanda/ – é a Chica da Silva:/ – é a Chica-que-manda!/ Escravas, mordomos/ seguem, como um rio,/ a dona do dono/ do Serro do Frio./ (Doze negras em redor,/ – como as horas, nos relógios./ Ela, no meio, era o sol!)...” Cultuo intolerância ética pela dupla moral de JK e o ranço racista de Chica da Silva. E Diamantina? É bela, vale por si.

DUKE

